

UM VISITANTE ILUSTRE

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Acha-se entre nós o sr. Arturo Frondizi, presidente eleito da República Argentina depois de um longo e tormentoso período de regime ditatorial e de regime provisório. Além de representante da nação vizinha e amiga, o sr. Arturo Frondizi tem para nós e para o continente uma significação mais alta: é o ponto de inflexão ou de retomada das tradições democráticas tão dramaticamente interrompidas ora neste ora naquele país da América do Sul. Pessoalmente, não acredito muito na eficácia das visitas oficiais. Os homens de importância, aonde vão, encontram sempre montados todos os aparelhos de disfarce e de protocolar mentira. Quando, por exemplo esteve aqui, em má hora, o representante do sr. Salazar, querendo inculcar-se como representante do povo português, foram mobilizadas turmas de guris para varrer as ruas da capital. Ora, a inundação dessas ruas não é um puro acidente que em dias de festa se remove, não é uma feição da cidade passageira que, em atenção à visita, se retoque: a sujeira municipal é hoje um traço cultural, uma realidade carioca a ser incorporada na grande coleção das chamadas realidades brasileiras. Sendo assim mais essencial do que accidental, era justo que a visse o general Craveiro Lopes; e se não a viu, não viu também a cidade, a própria cidade em que ainda se acha instalado o vacilante governo.

É um engano pensar que só nos regimes totalitários se empulha o visitante com truques de magia para que ele só veja o que ao regime convém que ele veja. O culto da mentira não é um apañado exclusivo dos regimes de força. Nas democracias imperfeitas, que seguem a tradição do liberalismo burguês, a mentira é vital, tão vital, tão imprescindível como nos regimes que afinal não passam de cristalizações perfeitas daquela mesma mentalidade burguesa. Os processos, entretanto, são diferentes. O que a Rússia faz com cortinas de ferro e com guias especialmente adestrados para despistar turistas, faz aqui o protocolo, fazem as comissões de recepção, os banquetes e discursos, e faz a própria imprensa livre que nesses dias de festa pública fica possuída por um demônio da convenção e do lugar comum. O resultado prático é o mesmo, embora variem o mólo e os condimentos. O prato que se oferece ao visitante ilustre é sempre o da mentira, tanto mais mentirosa quanto maior a importância. O pobre homem importante vira boneco. É levado não aonde quer ir mas aonde querem outros que ele vá. E onde for, Jardim Botânico ou Hipódromo da Gávea, deverá sempre levar a máscara da afabilidade convencional que lembra as figuras de anúncio em que se vê um moço feliz pelo sabonete que usa ou pela roupa que veste.

Como seria melhor se neste vale de lágrimas pudessemos realizar cerimônias sem máscaras! Nesta hipótese, que ainda é um sonho, o sr. Arturo Frondizi colheria um grande proveito em nossa terra. Veria, se o deixassem ver, o que acontece num país de indecisões e de contínuos. Nós aqui também tivemos uma ditadura. No tempo em que na Argentina ainda sub-

sistia um governo livre, nós tínhamos Vargas. Tivemos Vargas durante dezenove anos como ditador. Houve depois um movimento. O ditador foi deposto, e depois de um desvaído interregno judiciário, foi eleito o marechal Dutra que, por acaso, fora o próprio ministro da Guerra da ditadura. Alguma coisa continuava, apesar da aparente violência da deposição do ditador. Não quero dizer que tenha sido mau o governo do marechal Dutra. Mau ou bom, razoável ou mediocre, foi a continuação de um certo espírito que parece ter tomado conta do Brasil. No quadriênio seguinte, com eleições normais ou melhor, com o rotineiro funcionamento de uma máquina anormal, volta o sr. Getúlio Vargas a subir as escadas do Catete. Passam-se os anos. Acumulam-se os abusos, abusos da mesma permanente espécie daqueles que abundavam no tempo do Estado Novo. Culminam no drama da rua Toneleros, onde crisários afirmam no que viam e matam o que não viam. Não viam a farda do major da aeronáutica. Cobrem-se de nuvens negras os pátrios horizontes até o dia em que o presidente, sentindo-se abandonado e traído, põe termo à vida. Para todos os efeitos internos e externos o Brasil passava por uma trágica modificação. Toma posse do governo o sr. Café Filho, natural sucessor do presidente suicida. Muita gente, não sei porque, ficou possuída de um delirante otimismo, e o sr. Café Filho, também não sei porque, passou a ser considerado como legítimo representante das mais puras aspirações udenistas. Por baixo da superficial aparência, entretanto, corria a inenunciável seiva do mesmo continuísmo. O espírito a que acima me referi, apesar das diferenças superficiais, continuava a animar os destinos do Brasil. Uma conjuração de acasos põe no Ministério da Guerra o general Teixeira Lott. Preparam-se as eleições e novamente a máquina anormal produz um candidato que prometera oficialmente continuar a obra do sr. Getúlio Vargas. Fara garantir essa sucessão, para de qualquer modo evitar algum remoto risco de descontinuidade, o tal espírito ditou ao general Lott a idéia do 11 de novembro. Tudo se passou como se fosse inadmissível para o Brasil qualquer coisa que não tivesse aquela marca que há trinta anos se impôs. Os acontecimentos mais dramáticos, tiros, intrigas, suicídio, conspirações, navios bombardeados, tudo em suma que noutro país bastaria para mudar de alguns graus o azimute do governo, resultou aqui na eleição e na posse de um personagem inventado pelo sr. Vargas. E o espírito continua. Continua com Lott, com Alkimim, com os Vieira de Melo, com os Cavannemas. Quem descreve bem esse fenômeno, no seu peculiaríssimo estilo, é Fernando Carneiro, que acaba de publicar um livro chamado "Conversa Amarga" (Ed. Simões) onde o leitor encontrará, entre outros, o luminoso artigo "O Eterno PSD".

Se o sr. Arturo Frondizi pudesse ver alguma coisa no Brasil, onde se acha, ou melhor, se as tais comissões de recepção pudessem, numa escandalosa exceção, deixar de funcionar de um modo totalmente

cretino, o presidente eleito da República Argentina aprenderia a defender seu país de qualquer vestígio de retorno peronista. Não digo que sua excelência não saiba se desincumbir de tal missão. Digo apenas que ele aprenderia mais ao vivo, mais existencialmente, mais profundamente, o que já sabe de modo teórico. Assim ao menos nossos desatinos teriam um antitético valor, e ajudariam o continente inteiro a achar seu difícil itinerário.

É verdade que o continente, nesses últimos meses, tem se portado muito bem. Multifíssimo bem. Vejam por exemplo o que está acontecendo em Cuba, que tomo a liberdade de considerar sul-americana. Depois de Peron e de Trujillo e Jiménez, começa a balancar o trono de Batista, ditador da pior espécie, da espécie hispânica e católica, que consegue ao mesmo tempo, com rara eficácia, destruir uma nação e envergonhar a Igreja. Ontem andaram por aqui, nas ruas da capital, alguns cubanos exilados numa passeata cívica. Foi pena que a passeata não tenha coincidido com a chegada de Frondizi. Claro é que tal manifestação, tão longe do que se costuma chamar o teatro dos acontecimentos, não aumenta o poder físico das fileiras de Fidel Castro. Mas aumenta a densidade misteriosamente operante do mundo moral. De algum modo há de repercutir em Cuba o protesto pronunciado no Rio. Chego até a crer que de algum modo há de repercutir a obscura torcida lavrada em nosso artigo. Por mais que facam os técnicos da mecanização do homem, continua a existir, e continuará sempre, a solidariedade eficaz do mundo ético, e acima desta, a solidariedade funcional da oração.

Seria uma beleza se, no meio de uma das muitas cerimônias ditas pelo protocolo, chegasse a notícia da queda do régulo cubano; e se, ao receber tal notícia, nossos governantes civis e militares se entre-olhassem e comessem a desconfiar que já não pega, ou pelo menos não dura muito na América latina um governo de arbitrariedade e capricho. Seria uma beleza, para nós, se também pudessemos lucrar e aprender alguma coisa com o sr. Arturo Frondizi, e se desta visita, apesar do protocolo e das comissões de recepção, resultasse uma transfusão de valores, uma infiltração de ideais comuns, e se, por indução, repercussão ou osmose, ficasse fortificada nas duas grandes nações do continente a fidelidade aos ideais democráticos.

Uma vantagem ao menos tem essa visita oficial, ainda que não seja atingido o máximo que sonhamos. Apesar dos batedores fascistas que continuam a insultar o bom-tom e o bom-gosto, apesar das máscaras, apesar das comissões e da inevitável visita aos hipódromos — já que parece haver uma misteriosa correlação entre visitante ilustre e cavalo — há para nós, na visita do sr. Arturo Frondizi, um proveito imediato e imediato: as revistas ilustradas, que tanto gostam de estampar nas capas a figura sensacional do homem do dia, tem agora uma boa cara de democrata, de político que ainda crê nos valores humanos, para espalhá-la aos quatro ventos.